



## Relações de espaço e memória em *Ponciá Vicêncio*

Vanderléia Andrade Haiski\*

**Resumo:** *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, é um romance que mostra a trajetória de sua personagem principal desde a infância até a idade adulta, incluindo seus sonhos, perdas, experiências, afetos e memória. Este artigo tem por objetivo verificar as relações entre espaço e memória nesta obra. Para tanto, tomaram-se por base alguns conceitos propostos por Gaston Bachelard (2008), Maurice Halbwachs (2006) e Milton Santos (1999).

**Abstract:** *Ponciá Vicêncio* (2003), written by Conceição Evaristo, is a novel which shows the main character trajectory from childhood to adult age, including its dreams, losses, experiences, feelings and memory. This article aims to investigate the relations between space and memory in this literary work. Thus, we are based on some concepts proposed by Gaston Bachelard (2008), Maurice Halbwachs (2006) and Milton Santos (1999).

**Palavras-chaves:** Espaço; Memória; *Ponciá Vicêncio*.

**Keywords:** Space; Memory; *Ponciá Vicêncio*.

O espaço e a memória podem estar intimamente relacionados. No romance *Ponciá Vicêncio* (2003), escrito por Conceição Evaristo, a autora traça a trajetória da protagonista homônima, desde a infância até a vida adulta, narrando suas perdas, afetos, sentimentos, ilusões e desilusões, bem como suas certezas, conflitos e angústias, num contexto social desfavorável, de pobreza e injustiça. É justamente neste contexto que as relações entre espaço e memória são evidenciadas.

Para analisar tais relações, faz-se necessário estabelecer alguns conceitos. Primeiramente, é importante mencionar que o conceito de espaço está distante de ser uma unanimidade e que, por vezes, pode ser até mesmo contraditório. Entre os diferentes conceitos vigentes, toma-se aqui o de Milton Santos (1999), o qual faz uma distinção entre paisagem e espaço, argumentando que “a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima” (SANTOS, 1999, p. 83). Para o autor, o espaço é uno e múltiplo e, por intermédio de seu uso, pode ser considerado um conjunto de mercadorias, cujo valor individual está relacionado com o valor que a sociedade – em um momento determinado – atribui a cada pedaço da matéria ou paisagem.

\* Mestranda em Estudos Literários na URI, Campus de Frederico Westphalen.

Milton Santos argumenta, ainda com relação a esse tema, que, “no espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade” (SANTOS, 1999, p. 84). Assim, nessa perspectiva, não se pode considerar o espaço como algo isolado ou descontextualizado, unicamente pertencendo a um indivíduo, mas um espaço que, ao mesmo tempo em que se caracteriza como individual, é também influência de um conjunto de fatores sociais e culturais de uma determinada sociedade.

Em suas considerações sobre espaço, SANTOS (1999) estabelece uma relação entre espaço e memória. Para o autor, “o homem de fora é portador de uma memória, espécie de consciência congelada, provinda com ele de um outro lugar. O lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação” (SANTOS, 1999, p. 264). O “homem de fora” pode ser o homem que está distante de seu espaço original, que teve que deixar suas origens “geográficas” e partir para outro lugar, estabelecendo um novo espaço para si, como no caso da personagem Ponciá Vicêncio. Contudo, ao deixar a terra natal ou o espaço original, como a personagem, não significa necessariamente que haja uma “consciência congelada”, pois as percepções e mesmo as memórias do espaço primeiro podem frequentemente sofrer alterações com o deslocamento e adaptação para um novo espaço.

Por esse prisma, estabelecendo relações entre o espaço e a memória, SANTOS (1999) sugere a ideia de que o espaço exerce grande influência sobre a memória, interferindo inclusive na percepção do indivíduo com relação a um novo espaço e suas perspectivas futuras. Para o autor,

[a] memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado (SANTOS, 1999, p. 264).

Assim, espaço e memória se relacionam em um processo contínuo, o qual vai sendo renovado constantemente. Essa memória que se relaciona com o espaço pode ser caracterizada tanto como uma memória coletiva ou individual, cujas influências são capazes de alterarem ou se adaptarem às percepções do presente de um indivíduo.

Para Maurice Halbwachs (2006), as lembranças permanecem coletivas e são lembradas por outros, mesmo tratando-se de eventos e objetos em que apenas um indivíduo esteve envolvido, pois jamais se pode estar só. Isso se explica pelo fato de cada indivíduo levar consigo e em si certa quantidade pessoas que não se confundem, mesmo não estando presentes. Contudo, o autor argumenta que, para a memória individual tirar proveito da

memória coletiva, é necessário que haja uma concordância com essa memória coletiva e que existam muitos pontos de contato entre elas para que as lembranças sejam reconstruídas sobre uma base comum.

Nesse contexto de relações entre espaço e memória, o autor ressalva que “nada prova que todas as ideias e imagens tiradas dos meios sociais de que fazemos parte e que intervêm na memória não recubram uma lembrança individual como um painel, mesmo no caso em que não o percebemos” (HALBWACHS, 2006, p. 42). Em tal perspectiva, é difícil desvincular a memória coletiva da individual, mas é também arriscado afirmar que toda memória de um indivíduo esteja relacionada com a memória coletiva, pois pode haver muito de sua percepção pessoal em determinada lembrança. Assim, o autor afirma que

na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual que chamamos de *intuição sensível* – para distingui-lo das percepções em que entram alguns elementos do pensamento social. “Sentimos certa inquietude” – dizia Charles Blondel – “ao ver eliminar, ou quase, da lembrança, qualquer reflexo dessa *intuição sensível* que certamente não é toda a percepção, mas que, da mesma forma, é evidente seu preâmbulo indispensável e sua condição *sine qua non*...” (HALBWACHS, 2006, p. 42, 43).

Sob essa óptica, o autor pondera que, para um indivíduo não confundir a reconstituição de seu próprio passado com a de seu “vizinho” e para que de forma empírica, lógica e social esse passado se identifique com o passado real deste mesmo indivíduo, é necessário que, em pelo menos algumas partes dessa reconstituição, haja algo além do que matérias tomadas de empréstimo. O autor pontua ainda que a memória se constitui a partir do momento em que o indivíduo se torna um ser social e, por isso, é difícil lembrar-se da primeira infância, pois as impressões não estão ligadas a nenhuma base até que o indivíduo se torne um ser social. O autor sugere ainda que, quando muitas correntes sociais se cruzam na consciência de um indivíduo, aparecem então os estados de intuições sensíveis que tomam formas de estados individuais, pois não estão inteiramente a um ou outro ambiente, e, assim, o indivíduo os relaciona a si mesmo.

Quando se refere à memória coletiva, HALBWACHS (2006) manifesta a ideia de que, na memória de um grupo, se destacam “as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele” (HALBWACHS, 2006, p. 51). Assim, pessoas diferentes podem ter pensamentos ou lembranças em comum. De forma análoga, o autor considera que as imagens espaciais desempenham então um papel fundamental na memória coletiva, pois

[t]odas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido

que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável (HALBWACHS, 2006, p. 159-160).

Assim, a memória coletiva não acontece fora de um contexto espacial, pois, de acordo com HALBWACHS (2006), o espaço é parte de uma realidade duradoura, através da qual as impressões se sucedem umas às outras, e possibilita retornar e compreender um passado preservado num ambiente material. Para o autor, é devido ao espaço que cada pessoa ocupa, passa ou tem acesso e que “de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça” (HALBWACHS, 2006, p. 170). As lembranças, então, estão constantemente vinculadas a um espaço físico, e este vínculo entre espaço e lembrança serve como facilitador para trazer à memória as vivências ou experiências passadas.

Cada espaço carrega consigo marcas dos indivíduos – e conseqüentemente de uma sociedade – que dele fizeram parte. Conforme o autor, “nosso ambiente material traz ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros. Nossa casa, nossos móveis e a maneira como são arrumados, todo o arranjo das peças em que vivemos, nos lembram nossa família e os amigos que vemos com frequência nesse contexto” (HALBWACHS, 2006, p. 157). Com isso, o espaço expressa muito das características culturais, sociais, religiosas, entre outras, de quem o ocupa, numa relação mútua de transformação, ou seja, o indivíduo interfere e transforma o espaço de acordo com suas concepções assim como o espaço poderá alterar a percepção das lembranças deste indivíduo, interferindo em suas memórias, mesmo que de forma inconsciente ao indivíduo. O autor afirma que

a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar o passado no presente – mas é exatamente assim que podemos definir a memória e somente o espaço é estável o bastante para durar sem envelhecer e sem perder nenhuma de suas partes (HALBWACHS, 2006, p. 189).

Nesse sentido, o espaço pode servir com um estabilizador da memória, auxiliando e servindo de referência e base para que ela não se perca através do tempo, mas que, através de associações entre os episódios e o espaço, sejam retomadas.

Dos múltiplos espaços ocupados ou perpassados por um indivíduo, a casa tem uma importância central. Segundo Gaston Bachelard (2008, p. 23), “uma espécie de atração de imagens concentra as imagens em torno da casa”. A grandeza com a qual se trata a casa, com relação ao espaço, independente de sua condição – grande ou pequena, luxuosa ou modesta – deve-se às implicações que ela causa a quem nela habita, na medida em que

habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo”. Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda acepção do termo. Vista intimamente, a mais humilde moradia não é bela? (BACHELARD, 2008, p. 24).

De forma análoga, pode-se então reafirmar o papel fundamental da casa na restituição da memória, pois ela é caracterizada como o “nosso espaço vital” no qual se cria um universo próprio, que é reflexo das concepções, percepções e anseios mais íntimos de cada indivíduo. A casa é o espaço que cada um chama de “seu”. A casa não tem necessariamente um conceito único ou um padrão estabelecido, pois “aqui, com efeito, abordamos uma recíproca cujas imagens devemos explorar: todo o espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa” (BACHELARD, 2008, p. 25). Então, independentemente da imagem que se tem de uma “casa”, esta, como espaço vital para os que nela habitam, será um importante fator na relação entre o espaço e a memória.

Acompanhando-se as ideias propostas por BACHELARD (2008), as lembranças do mundo exterior sempre terão uma tonalidade diferente daquelas lembranças relacionadas à casa, pois, “evocando as lembranças da casa, adicionamos valores de sonho. Nunca somos verdadeiros historiadores; somos sempre um pouco poetas, e nossa emoção talvez não expresse mais que a poesia perdida” (BACHELARD, 2008, p. 26). Nesse sentido, as lembranças da casa não provêm apenas de fatos concretos, que realmente aconteceram, mas estão vinculados também a todo um conjunto de emoções com as quais se relacionaram os sonhos, os desejos e esperanças dos que nela habitavam.

Além da casa como um todo, cada parte dela tem uma significação especial. Gaston Bachelard (2008) enfatiza que “logicamente é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas; e, quando a casa se complica um pouco, quando tem um porão e uma sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais caracterizados” (BACHELARD, p. 27-28). E são a essas lembranças que um indivíduo pode regressar, segundo o autor, durante toda a sua existência. De maneira similar, o autor reforça que

todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos têm valores oníricos consoantes. [...] Os verdadeiros bem-estares têm um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa nova casa. A velha locução: “Levamos para a casa nova nossos deuses domésticos” tem mil variantes (BACHELARD, 2008, p. 25).

Dessa forma, as lembranças particulares do espaço, e aqui mais especificamente da casa, interferem na recepção e adequação a um novo espaço. A essas lembranças está relacionada também a imaginação, pois ela “trabalha nesse sentido quando o ser encontrou o menor abrigo: veremos a imaginação construir “paredes” com sombras impalpáveis,

reconfortar-se com ilusões de proteção – ou, inversamente, tremer atrás de grossos muros, duvidar das mais sólidas muralhas” (BACHELARD, 2008, p. 25). Para o autor, “memória e imaginação não se deixam dissociar” (BACHELARD, 2008, p. 25). Dessa forma, a imaginação ou as fantasias de um indivíduo podem influenciar em suas memórias.

Em suas observações, Bachelard relaciona espaço e memória enfatizando que “o espaço é tudo, pois o tempo já não anima a memória. A memória – coisa estranha! – não registra a duração concreta [...]. É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais” (BACHELARD, 2008, p. 28-29).

No romance *Ponciá Vicêncio*, podem-se perceber as relações de espaço e memória desde o início da obra, as quais vão acontecendo e sendo evidenciadas até o desfecho. Nesta obra, o espaço se relaciona tanto com a memória individual quanto a coletiva que a personagem traz consigo, mostrando percepções particulares e também de todo um povo sofrido e marcado pela escravidão.

Já no primeiro parágrafo deste romance, o texto faz menção à memória que remete à infância da personagem Ponciá Vicêncio: “Recordou o medo que tivera durante toda a sua infância” (EVARISTO, 2003, p. 13). Primeiramente, essa lembrança está associada a um sentimento: o medo que havia nas lembranças de passado um tanto que distante. Porém, logo em seguida, essa mesma lembrança remete diretamente a um espaço: “Ela ia buscar o barro na beira do rio e lá estava a cobra celeste bebendo água” (EVARISTO, 2003, p. 13). O sentimento de medo expresso num primeiro momento logo é associado a um lugar específico: o rio onde a personagem ia buscar o barro para fazer suas esculturas. A partir daí, a memória de Ponciá Vicêncio estabelece uma íntima relação com o espaço em que suas lembranças sucederam.

Deixando seu espaço original, ou a sua primeira casa, o lugar onde passara sua infância e crescera, Ponciá confronta-se com uma realidade diferente da imaginada nos seus sonhos e devaneios, que habitavam o seu antigo espaço. Aos dezenove anos, a personagem deixa o povoado pacato e interiorano em que habitava e parte para a cidade grande em busca de seu ideal de vida: o rompimento com as amarras de um passado escravo e a conquista de um futuro de liberdade, melhores condições econômicas e felicidade. Na cidade, Ponciá buscaria “uma história de final feliz” (EVARISTO, 2003, p. 37). Contudo, a primeira noite de Ponciá na cidade já não foi acolhedora, pois passou-a na rua, com fome, sede e medo. No dia seguinte, conseguindo um emprego como empregada doméstica, Ponciá volta a sonhar com uma vida de sucesso.

Ponciá alegrou-se com sua primeira aquisição na cidade: um barraco. Entre seus sonhos, estava idealizado um novo lar. Lar que ela desejava intensamente. Lar que seria melhor que seu primeiro lar. Porém, no decorrer da obra, a protagonista demonstra claramente que esse lar não estava idealizado como um barraco numa área urbana miserável, com um marido apático e longe de sua família. O barraco tornou-se o lugar em que Ponciá morava, mas que não sentia como seu lar, como o abrigo de seus sonhos. Bachelard (2008), nesse particular, aponta “o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz” (BACHELARD, 2008, p. 26). Saindo de sua casa e ocupando um novo espaço, Ponciá Vicêncio demonstra certa inquietude quando afloram suas memórias. A obra *Ponciá Vicêncio* (2003) expressa a imagem de sonhos e devaneios da personagem relacionados a seu primeiro lar no fragmento em que descreve que

Ponciá Vicêncio gostava de ficar sentada perto da janela olhando o nada. Às vezes, se distraía tanto que até se esquecia da janta e, quando via, o seu homem estava chegando do trabalho. Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Lembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava nem inventava nada para o futuro. O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. Em outros tempos, havia sonhado tanto! (EVARISTO, 2003, p. 19).

O deslocamento de Ponciá Vicêncio de sua casa original – no interior – e o enfrentamento da realidade em um novo espaço – urbano – fizeram-na submergir no universo de suas memórias, conduzindo-a a viver um presente feito de lembranças do seu passado. Assim, as memórias de Ponciá Vicêncio emanavam em sua mente de tal forma que a desligavam do presente, conduzindo-a a viver submersa na nostalgia do passado e esquecendo-se – ou desejando esquecer – do presente. Saindo de seu espaço original, os sonhos e os devaneios de Ponciá Vicêncio não encontraram lugar ou, pode-se dizer, encontraram-se desprotegidos diante de uma realidade diferente da imaginada originalmente. Essa realidade evoca à memória os sonhos que a personagem tinha em sua primeira casa, a ilusão de um futuro melhor e diferente dos tempos passados. A nova realidade deixa Ponciá desprovida da segurança de seu lar e da ilusão de seus sonhos.

No romance de Evaristo, a personagem de Ponciá Vicêncio envolve o leitor em um processo de rememoração e resgate de suas memórias que, por vezes, até para a própria personagem se mostram instigantes, e que insistem em cercar seus pensamentos, pois, em referência à Ponciá Vicêncio, o texto descreve que “ela era tão pequena, tão de colo ainda quando o homem fez a passagem. Como, então, Ponciá Vicêncio havia guardado todo o jeito dele na memória?” (EVARISTO, 2003, p. 22). O homem que fez a passagem era o avô de Ponciá, do qual ela preservou a imagem – a magreza, as costas encurvadas, os traços faciais e o braço cotoco para traz – na memória e, ainda na infância, materializou essa memória em

suas esculturas de barro. Logo, a memória da personagem é provida de lembranças que dificilmente permaneceriam em uma criança tão pequena. Porém, Ponciá carrega consigo a nítida lembrança do avô, que partira desta vida quando ela ainda era muito criança. Partira da vida, sim, mas não da memória de Ponciá.

Nessas mesmas memórias de sua infância, Ponciá busca o resgate de sua história e de suas origens. Essa busca se dá em sua memória individual e também na memória coletiva existente na história de todo um povo. Evaristo, em seu livro, arrazoa em favor da ideia de que na memória de Ponciá Vicêncio também estava o resgate de sua história, ao afirmar que

Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. [...] O tempo passou deixando marcas daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? Por quê? Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela? Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono (EVARISTO, 2003, p. 29).

Em seu texto, Evaristo vincula a memória de Ponciá diretamente à memória coletiva, pois, relembando os conceitos de HALBWACHS (2006), a memória está relacionada à coletividade, às lembranças de um grupo social. Nesta perspectiva, além da tentativa de resgatar um passado particular, a personagem traz à tona também a memória coletiva, relembando a escravatura. Toda a memória de um povo, com sua história de luta e submissão, de expiação e dor, mas também de anseio por liberdade e justiça, está incrustada na memória da personagem e, assim, fundem-se à memória individual e coletiva da personagem, pois é justamente no coletivo que esta busca a sua individualidade.

Na memória coletiva de um povo que foi escravo está, entre outros, o desejo pela liberdade. Ponciá Vicêncio igualmente desejava libertar-se. Mas, para isso, ela deveria (em seu próprio entendimento) deixar o seu espaço, pois a ele estavam vinculadas todas as lembranças de um passado escravo, embora a própria personagem não tenha sido uma escrava. Entretanto, a memória coletiva pesava e impregnava o espaço em que ela havia crescido. Ali estavam as marcas dos senhores e dos escravos. Até o seu sobrenome, herdado do avô, era legado da escravidão dos negros. Assim, a personagem busca resgatar seu passado através da memória ao mesmo tempo em que anseia por libertar-se dele.

Esse sentimento ambíguo, de resgate e libertação, motiva Ponciá Vicêncio a deixar seu espaço de origem em busca de sua libertação e também de uma nova vida. A personagem estava determinada a encontrar um novo espaço, um espaço que não fosse marcado pela escravidão e que pudesse ser chamado de seu. O espaço que ela habitava lhe conduzia a tristes

memórias, como descreve Evaristo no momento em que Ponciá estava determinada a partir de sua terra:

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar com o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver as terras dos negros cobertas de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. [...] E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, pergunta-se se valera a pena ter deixado a sua terra (EVARISTO, 2003, p. 33).

A memória coletiva de um longo passado se repete no presente de Ponciá Vicêncio. A mudança de espaço não proporcionou a Ponciá o descanso imaginado, a vida sonhada. A nova realidade não condizia com as expectativas que a personagem outrora possuía. Com a nova casa, veio também a sensação de não estar no seu espaço, de não pertencimento. A obra expressa o pensamento da personagem ao narrar sobre o seu “medo de recuar, do desespero por não querer ficar ali repetindo a história dos seus. Agora na cidade, sozinha, para onde deveria ir? O que deveria fazer?” (EVARISTO, 2003, p. 39). Ponciá divide-se entre o passado e o presente.

A sensação de não pertencer a lugar algum manifesta-se em Ponciá. O seu espaço de origem não era o “seu”, mas de todo um povo marcado pela escravidão e dor, do qual ela não desejava fazer parte, do qual ela ansiava em libertar-se. Alcançado um novo espaço, o que fazer? Qual era o seu papel ali? Ponciá não se sentia parte desse novo espaço, pois não encontrara nele a liberdade e o lar que idealizara. A personagem lembra-se novamente do seu lugar de origem. Para Ponciá, já em sua primeira noite na cidade, “a noite passou lenta e friorenta. [...] Ficou lembrando a sua infância, os casos da roça, os fatos de vida e de morte. [...] Desejou estar no trem, estar de volta” (EVARISTO, 2003, p. 40-41). Ponciá não queria repetir a “história dos seus”, ao contrário, desejava livrar das amarras da escravidão. Mas, fora de sua terra, qual seria o seu espaço? Ponciá sente-se deslocada frente a um espaço diferente, e a memória, juntamente com o espaço antigo, vem à tona.

A protagonista sente então a necessidade de retornar à sua terra natal. Na primeira oportunidade em que regressa às suas origens, ela revive as lembranças de forma intensa, como se cada memória reacendesse sua chama ao se aproximar de sua antiga casa, do espaço que havia deixado em busca de suas aspirações. A obra descreve esse momento de retorno de Ponciá ao seu espaço de origem, narrando que

[e]m cima do fogão à lenha estavam as canecas de café do pai, da mãe, dela e do irmão. Esquecidas de que a vida era outra no momento, teimosamente se postavam, como se estivessem à espera do líquido. Um cheiro bom de mato, terra e chuva invadiu a casa. Com o coração ao pulos, reconciliou-se com o lugar. [...] Estava cansada, tinha fome, emoção e um

pouco de frio. A cabeça tonteou. Sentou-se rápido num banquinho de madeira. Veio, então, a profunda ausência, o profundo apartar-se de si mesma (EVARISTO, 2003, p. 49-50).

Ao retornar a sua terra de origem, Ponciá reencontra-se com sua memória, pois “é exatamente porque as lembranças das antigas moradas são revividas como devaneios que as moradas do passado são imperecíveis dentro de nós” (BACHELARD, 2008, p. 26). Nesse sentido, as lembranças de Ponciá originadas de sua primeira morada permaneciam vivas e prontas para serem revividas – e revividas como devaneios. Mas seria este um devaneio tão profundo que a faria perder a consciência? Talvez. O fato é que cada vez mais Ponciá deixa o presente e submerge no passado, através da memória e do espaço. A volta a sua morada do passado restitui a sua conexão com o seu lugar de nascimento. Memória e espaço são reconciliados com a personagem.

De acordo com Roland Walter (2009), o retorno de Ponciá ao seu lugar de nascimento e a retomada de seu trabalho com a argila, que ela agrupava ao lado do rio para moldar suas esculturas, é marcada pela espiritualidade de origem africana, pois restabelece a relação da personagem com os vivos (sua mãe), os mortos (seu avô) e o mundo dos deuses, conforme a simbologia da deusa das águas doces (vida, amor, fecundidade). Assim, ocorre uma reconexão de Ponciá com os seus entes queridos e suas origens. Ponciá, não encontrando seu espaço fora de sua terra natal, sentindo não pertencer ao local em que vive, busca refúgio no seu local de nascimento, no local que pertence aos negros: um lugar de exclusão e também de não-lugar na sociedade. O vazio da personagem provém da saudade de seu lar, de suas origens. O seu lugar de origem não era o lugar de seus sonhos, mas era o lugar em que Ponciá pode sonhar e ter momentos felizes. Retomando ao seu espaço, encontra-se consigo mesma.

Fora de seu espaço original, “as vezes, era como se espírito dela fugisse e ficasse só o corpo” (EVARISTO, 2003, p. 65). O espírito de Ponciá voava em suas próprias memórias, e restava apenas parte dela, mas não o seu todo, porque ela não podia pertencer por inteira a um novo espaço. A personagem sabia então onde se reencontraria novamente, assim “um dia, depois de olhar para o homem como se não o visse, depois de tantos anos recolhida, enterrada morta-viva dentro de casa, Ponciá sorriu, gargalhou, chorou, dizendo que sabia o que devia fazer. Ia tomar o trem, voltar ao povoado, voltar ao rio” (EVARISTO, 2003, p. 120). Ponciá sentia que só seria um ser completo retornando às suas origens.

Assim, após uma intensa relação da personagem com o espaço e a memória durante toda a sua trajetória, ao fim desse romance, essa relação se evidencia, de forma profunda, na cena derradeira que relata que “lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada

pelos seus, não se perderia jamais, se guardaria nas águas do rio” (EVARISTO, 2003, p. 128). Ponciá mergulha no rio em que buscava o barro para fazer suas esculturas quando era criança, onde passou parte de sua infância, o mesmo lugar em que “gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava” (EVARISTO, 2003, p. 13), como exposto no início da obra. Esse não foi um mergulho qualquer, pois nele Ponciá entregou sua vida, no que parecia uma tentativa de eternizar suas memórias, numa fusão do corpo e da alma com o espaço. O resgate completo da memória de Ponciá se deu com o retorno ao seu espaço de origem. E aqui, esta relação entre espaço e memória é tão intensa que leva a personagem novamente ao princípio de sua história, as lembranças primeiras, conduzindo-a a finalmente mergulhar em seu reencontro eterno.

### Referências

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- WALTER, Roland. *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas*. Recife: Bagaço, 2009.